

As manifestações de empatia entre humanos e não-humanos em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968) de Philip K. Dick

The manifestations of empathy between humans and non-humans in *Androes Dream of Electric Sheep?* (1968) by Philip K. Dick

r e v i s
t a d e l
i t e r a
t u r a
o u t r a
t r a v e
s s i a

Luana de Carvalho Krüger
(UFPeI)
Eduardo Marks de Marques
(UFPeI)

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2019.e73327>

Resumo

Estudos transumanistas e pós-humanistas apresentam o aprimoramento do corpo humano como um meio de garantir mais autonomia aos indivíduos, no entanto, quanto mais envolvimento e aprimoramento dos corpos, mais robóticos os humanos podem ser. Algumas obras distópicas, que trazem a discussão entre corpos humanos e corpos artificiais, apontam para um fenômeno de distanciamento entre os humanos e exclusão dos mais fracos e/ou diferentes de uma aparência física e comportamento padrão. Em contrapartida, observa-se que os robôs humanoides com aprimoramento de vida artificial procuram mostrar um comportamento humano em seus corpos robóticos. Neste trabalho, será analisado como a empatia pode ser manifestada em corpos não-humanos a partir do conceito de vida artificial na obra *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968), de Philip K. Dick, procurando compreender o quanto o conceito de empatia apresentado na narrativa é falho e se manifesta como uma forma de restringir e eliminar a existência de corpos não-humanos. Para tanto, será feito uso de pesquisadores como Hayles (1999), Bedau (2007) e Brand (2013) para discutir aspectos conceituais de transumanismo, pós-humanismo e vida artificial.

Palavras-chave: empatia; vida artificial; humanos; andróides

Abstract

Transhumanist and post-humanist studies present the improvement of the human body as a way of guaranteeing more autonomy to individuals, however, the more involvement and improvement of the bodies, the more robotic the humans can become. Some dystopian works, which bring the discussion about human bodies and artificial bodies, point to a phenomenon of distance between humans and exclusion of the weakest and/or different from a physical appearance and standard behavior. In contrast, there are humanoid robots with artificial life enhancement that seeks to show human behavior in robotic bodies. In this work, it will be analyzed how empathy can be manifested in non-human bodies from the concept of artificial life in the work *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), by Philip K. Dick, trying to understand how the concept of empathy presented in the narrative is flawed and manifests itself as a way to restrict and eliminate the existence of non-human bodies. To this end, researchers such as Hayles (1999), Bedau (2007) and Brand (2013) will be used to discuss conceptual aspects of transhumanism, post-humanism and artificial life.

Keywords: empathy; artificial life; humans; androids

Introdução

Estudos transumanistas apontam para um aprimoramento do corpo humano como um meio de permitir mais autonomia para indivíduos, tendo intuito de garantir com que “[a] humanidade [seja] capaz de evoluir a si mesma através da tecnologia, e tal evolução estaria a cargo de seu desejo e não de uma ordem divina ou de processos naturais aleatórios”¹. Com o aprimoramento tecnológico, observa-se que é cada vez mais possível ser um transumano na contemporaneidade, tendo em vista as constantes interferências tecnológicas. Acredita-se que tal aprimoramento do corpo tem como fim chegar à pós-humanidade, momento em que os humanos teriam autocontrole de seus corpos, sendo esta uma evolução do transumanismo, como aponta More:

Os transumanistas consideram a natureza humana não como um fim em si mesma, perfeita, e tendo qualquer reivindicação sobre nossa fidelidade. Em vez disso, é apenas um ponto ao longo de um caminho evolutivo e podemos aprender a remodelar nossa própria natureza de maneiras que consideramos desejáveis e valiosas. Pensando com cuidado, e aplicando a tecnologia com coragem para nós mesmos, podemos nos tornar algo que não é mais exatamente descrito como humano - podemos nos tornar pós-humanos².

Tais aspectos, ainda que, por vezes, distantes da realidade, já são apontados em literaturas distópicas que trazem a discussão do humano e sua relação com corpos artificiais, como *Deuses de Pedra* (2017), de Jeanette Winterson, e *O homem bicentenário* (1997), de Isaac Asimov, em que é possível identificar o quanto os corpos robóticos estão se aproximando tanto em aparência, quanto em comportamento aos humanos.

O conceito de distopia possui diferentes perspectivas de abordagem, em um primeiro momento surgiu como um subgênero da utopia, sem aqui entrar na etimologia de tais palavras, a distopia servia como uma sátira para os espaços perfeitos apresentados pelos ambientes utópicos³. No entanto, seu caráter literário evolui quando se inicia um

1 MARKS DE MARQUES; PEREIRA, MARKS DE MARQUES, Eduardo; PEREIRA, Anderson Martins. “A justaposição do pós-humano e do transumano no gênero distopia: Uma análise das trilógicas *Divergente* e *A 5ª Onda*”. *Ilha do Desterro*, 2017, p. 122.

2 MORE, Max. “The Philosophy of Transhumanism”, 2013, p. 4, tradução nossa. Do original: “Transhumanists regard human nature not as an end in itself, not as perfect, and not as having any claim on our allegiance. Rather, it is just one point along an evolutionary pathway and we can learn to reshape our own nature in ways we deem desirable and valuable. By thoughtfully, carefully, and yet boldly applying technology to ourselves, we can become something no longer accurately described as human – we can become posthuman”.

3 CLAEYS, Gregory. *The Cambridge Companion to Utopian Literature*, 2010. A obra de Gregory Claeys,

processo de crítica às estruturas políticas, sociais e culturais de determinados lugares, sendo *1984* (1949), de George Orwell, um dos exemplos mais representativos para essa discussão⁴. Hoje tal conceito está presente não somente no campo literário, mas também em outros tipos de narrativas, como a cinematográfica, e em discussões que procuram observar de forma mais crítica o que pode vir a acontecer, numa escala macro e micro, caso tais estratégias políticas, por exemplo, sejam mantidas, sendo a perspectiva de análise deste trabalho a alteração de corpos humanos e a humanização dos corpos artificiais. Utiliza-se para este trabalho um conceito recente, tendo em vista um panorama histórico que define distopia como um “*aviso de incêndio*, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos”⁵. Ainda que a discussão não se restrinja a esta definição, acredita-se que ela seja pertinente em um momento em que os avanços tecnológicos promovem um maior isolamento social, bem como a venda de um ideal de beleza questionável dentro da realidade, além de promover mais espaço para corpos artificiais terem acesso a diferentes públicos e atrair uma ideia de possível socialização entre os humanos. Tal aviso, portanto, estaria na habilidade das narrativas distópicas de falar do ficcional ao mesmo tempo em que mostra o quanto a realidade já possui traços semelhantes. Assim o presente real é reconhecido dentro do espaço ficcional, muitas vezes futurista, mas não sendo regra, fazendo o leitor reconhecer nesses espaços as consequências de suas escolhas.

Assim, uma das discussões distópicas refere-se aos corpos e um dos aspectos que permite a aproximação entre humano e andróides seria o estudo acerca da vida artificial “[...] que trata da observação daquilo que se denomina aqui como elementos característicos ou aspectos de vida, para recriá-los em um contexto sintético. Dentre esses, podem ser citados a percepção, a cognição, a reprodução [...]”⁶. Em uma tentativa de aproximar aquilo que é natural do artificial, os corpos tornam-se um meio de aproximação e o conceito de vida deixa de ser somente um biológico e natural, para ser também fruto de uma possibilidade dos meios artificiais e tecnológicos.

intitulada *The Cambridge Companion to Utopian Literature*, traz uma abordagem e ampla da breve discussão apresentada acima.

4 Ibidem.

5 HILÁRIO, Leomir Cardoso. “Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade”. *Anuário de Literatura*, 2013, p. 202, grifos do autor.

6 NETTO; RINALDI, NETTO, Marcio Lobo; RINALDI, Luciene Cristina Alves. “Vida Artificial: conceitos e implicações”. In: Simpósio brasileiro de automação inteligente, 2011, p. 923.

Nesta perspectiva, *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968), de Philip K. Dick,⁷ apresenta o conflito entre humanos e androides fugitivos de Marte. Rick Deckard, um caçador de androides, é a personagem que mais se relaciona com os não-humanos e tem como tarefa eliminá-los, pois eles apresentam riscos para vida humana. Os androides foram criados para serem escravos dos humanos em Marte, no entanto, alguns acabaram fugindo para Terra para viver sem a submissão aos humanos e passam a ser caçados e “aposentados”⁸, pois eles não seriam seres providos de empatia, que está presente no Mercerismo, uma religião que faz com que os humanos compartilhem seus sentimentos e emoções. É importante para essas personagens humanas compartilharem suas aflições para que, em algum momento, todos sejam libertados de todo e qualquer sentimento negativo. Os androides, por serem máquinas, acabam não sendo considerados capazes de serem empáticos e sentirem emoções.

Neste artigo,⁹ será discutida a empatia nos humanos e nos androides, procurando compreender como as manifestações de emoções podem apresentar falhas nos humanos e serem identificadas em diferentes níveis nos androides. Para tanto, será apresentada uma discussão acerca das semelhanças entre humanos e não-humanos a partir das teorias transumanistas e pós-humanistas que permitem com entrecruzamentos entre vida biológica e vida artificial.

Empatia humana: possuir animais verdadeiros, ignorar humanos

A ideia de um ser humano perfeito tanto pela aparência física quanto pelo controle de sua mente está presente nas discussões transumanistas e pós-humanistas. Avanços na ciência permitem que os corpos sejam alterados e melhorados, no entanto, pouco ainda é o domínio das faculdades mentais, ficando as transformações ainda relacionadas aos aspectos físicos. A tecnologia é a base desses estudos e é previsto que ela “[...] fará com que desenvolvamos artificialmente novas competências em todas as áreas e controlemos nossas emoções racionalmente, para dela tirarmos o melhor

7 A obra, originalmente intitulada *Do androids dream of electric sheep?* (1968) serviu como inspiração para o roteiro de *Blade Runner* (1982), dirigido por Ridley Scott. Cabe ressaltar, no entanto, que as narrativas apresentam distinções, sem aqui fazer um trabalho de tradução intersemiótica, vale ressaltar que são obras distintas.

8 Termo utilizado dentro da narrativa que faz referência a morte dos androides, de modo que eles já não poderiam desempenhar nenhuma função de servidão aos humanos.

9 Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “O limiar entre o corpo humano e o corpo robótico: transumanismo e pós-humanismo nas obras *Deuses de Pedra*, de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de Philip K. Dick”, defendida em fevereiro de 2019.

proveito possível e, finalmente, possibilitará que façamos o que desejarmos com nosso corpo [...]”¹⁰.

Ainda que o controle das ações e do comportamento possa parecer algo fruto de trabalho individual, é sabido que há também um peso social diante da maneira como cada cidadão deve se comportar diante da sociedade. Observa-se que existe certa imposição de como se comportar diante de determinadas situações, o que faz com que haja um controle entre os indivíduos, “[...] há o exame de consciência, que é a circunstância na qual os sujeitos [...] mediriam, consigo mesmos, seus pensamentos e, principalmente, suas atitudes, devendo elas ser ‘coerentes’ ou não com os valores morais socialmente estabelecidos”¹¹.

Obras de ficção científica trazem as discussões acerca do controle das emoções, seja para não manifestar determinadas opiniões e dados sentimentos, diante de alguma decisão política e/ou superior aos cidadãos, seja em relação ao modo como as personagens devem se relacionar com os outros habitantes.

Na narrativa de Dick, há vários momentos em que o Teste de Empatia *Voigt-Kampff* é aplicado como uma forma de verificação se o entrevistado é de fato humano ou não passa de um androide. Esse teste garante o controle de que corpos robóticos sejam eliminados. Apesar de haver determinadas suspeitas e dossiês de supostos androides, realizados e organizados pelo departamento de polícia, é possível que existam androides ainda não identificados, de modo que o teste funciona como uma garantia para que os caçadores possam completar suas missões e eliminar os intrusos no planeta Terra.

[...] os androides equipados com as unidades cerebrais Nexus-6, de um ponto de vista pragmático, grosseiro e prático, tinham evoluído para além de um vasto – ainda que inferior – seguimento da humanidade. Para o bem ou para o mal. Em alguns casos o servo havia ultrapassado o mestre em habilidade. Mas novas escaladas de detecção, como, por exemplo, o Teste de Empatia Voigt-Kampff, haviam surgido como critério para fazer esse julgamento¹².

Tal teste consiste em conectar alguns equipamentos próximo a íris dos entrevistados, em seguida, o entrevistador deverá fazer algumas perguntas e analisar como o corpo dos entrevistados reage, mesmo quando as respostas aparentam

10 RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e Pós-humanismo*: Exercícios de arqueologia e criticismo, 2008, p. 142.

11 MENDES, Cláudio Lúcio. “O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo”. *Revista de Ciências Humanas*, 2006, p. 175, grifos do autor.

12 DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, 2015, p. 29-30.

ser satisfatórias. Todas as perguntas possuem relação com a morte de animais. A determinação dessas perguntas é resultado da extinção de animais no planeta Terra, pois a poeira tóxica que ficou pairando depois da 3^o Guerra fez com que poucos sobrevivessem. Na narrativa, é de extrema importância possuir um animal verdadeiro, não para suprir determinada carência e/ou preservar a vida de seres mais sensíveis à poeira tóxica do que os humanos, mas porque possuir um animal, em um período em que é quase impossível, se tornou uma forma de representar determinado poder aquisitivo na população. Para suprir essa carência de um *status* social alguns mecânicos criaram animais elétricos, que se parecem muito com os animais verdadeiros, imitam seus movimentos, o modo de se alimentarem. Esse foi o recurso encontrado por muitas personagens, inclusive Rick, para garantir certo respeito social o que, no entanto, acaba se tornando falho, pois ao terem consciência de que seus animais não são verdadeiros esses habitantes ficam constantemente pensando em um modo de adquirir mais dinheiro para comprar um animal. Deixar que alguém descubra que o seu animal não é verdadeiro é tão insuportável quanto não possuir um animal verdadeiro. As conversas entre Rick e o seu vizinho, por exemplo, deixam claro tal afirmação:

- Já pensou em vender sua égua? – perguntou Rick. A coisa que mais sonhava no mundo era em ter um cavalo, de fato qualquer animal. Ser dono de uma fraude era algo que ia gradualmente desmoralizando qualquer um. [...]. Barbour disse:
- Seria imoral vender minha égua.
- Venda seu potro, então. Ter dois animais é mais imoral do que não ter nenhum.
- [...]
- Posso comprar um potro Percheron da Sidney's por cinco mil dólares – afirmou¹³.

Pode-se pensar que essa preocupação com os animais é algo importante e garante que as espécies remanescentes possam se manter vivas, pois possuiriam um tratamento e um cuidado bastante rigoroso. Todavia, essa preocupação com as espécies (quase) extintas só parece existir justamente porque é difícil possuir um animal nas condições ambientais existentes na narrativa.

Ao mesmo tempo em que se pode considerar preocupante haver corpos não-humanos se integrando à sociedade e possivelmente não cuidando ou até mesmo matando um animal é bastante intrigante o posicionamento desses humanos que acabam tratando os animais verdadeiros como símbolos de poder e que não necessariamente garante que eles possam ser considerados empáticos, tendo em vista que um objeto de

13 Ibidem, p. 12-13, grifos do autor.

ostentação pode não passar de um objeto a ser mostrado e invejado. Ainda que adquirir um animal seja cuidar dele para que não haja prejuízo, ou outra morte indesejada de uma determinada espécie, está também ligado a uma garantia de felicidade, um desejo a ser suprido e que acaba sendo intensificado pela dificuldade de possuí-lo.

A empatia, no entanto, não é um sentimento capaz de ser definido a partir de, apenas, um tipo de relação com animais. Na narrativa, as personagens humanas acabam apresentando muitos lapsos de empatia em relação às outras personagens humanas que não estão adaptadas às condições de convivência social, ou seja, toda e qualquer manifestação de tristeza e/ou diferenças no que tange às faculdades mentais não são bem aceitas socialmente. Um desses exemplos é a relação de Rick e sua esposa, Iran. As duas personagens fazem uso do sintetizador de ânimo, um equipamento capaz de controlar suas emoções e deixá-los constantemente felizes e garantirem o controle dos seus corpos. Iran, no entanto, sente a necessidade de ficar triste, pois não se sente feliz naturalmente e ao optar por potencializar uma emoção negativa é recriminada por Rick que “[...] não consegue compreender a necessidade da esposa de se colocar em um estado de depressão profunda de iniciativa própria”¹⁴.

- Minha programação de hoje aponta uma depressão auto acusatória de seis horas – disse Iran.

- Quê? Pra que você vai escolher isso? – aquilo desafiava todo o propósito do sintetizador de ânimo. - Nem sabia que você podia escolher algo assim – disse, sorumbático.

[...]

- Nessa hora – Iran disse - , quando tirei o som da TV, eu estava no estado de espírito 382; tinha acabado de escolher. Assim, embora ouvisse o vazio intelectualmente, não conseguia senti-lo. Minha primeira reação foi de gratidão por nós termos podido comprar um sintetizador Penfield. Só que aí senti como isso era doentio, perceber a ausência de vida, não só no prédio, mas em tudo, e não reagir a nada, percebe? [...]”¹⁵.

Essa mesma ausência de vida manifestada por Iran é presente em Isidore, conhecido como um cabeça de galinha, pois foi afetado pela poeira. Isidore vive sozinho e é rejeitado socialmente.

[...] Ele vivia como um Especial já há mais de um ano, e não apenas por conta dos corrompidos genes que carregava. Pior ainda, não passou no teste de faculdades mentais mínimas, o que fez dele, como se diz

14 MIRANDA, Allana Dilene de Araujo; MOUSINHO, Luiz Antonio. “Blade runners sonham com o espaço? – uma análise intermediática do espaço”. *Terra roxa e outras terras*, 2015, p. 43.

15 DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, 2015, p. 9.

popularmente, um cabeça de galinha. Sobre ele recaia o desprezo de três planetas. De todo modo, apesar disso, havia sobrevivido [...]¹⁶.

Rick, por sua vez, é a personagem que menos apresenta traços de empatia na narrativa, seja pela sua relação com Iran, seja por sua atitude profissional. O desejo de possuir um animal verdadeiro o mais rápido possível faz com que a personagem acabe aposentando, ou seja, matando, andróides sem aplicar o teste de empatia. Além disso, na narrativa as relações afetivas entre humanos e andróides não é permitida, todavia, Rick acaba se envolvendo com Rachael e Luba, duas ginóides. Seu comportamento é tão inadequado ao que se espera de um humano que ele inclusive é questionado por Luba.

- Um andróide não liga para o que acontece a outro andróide. Este é um dos indícios que procuramos.
- Nesse caso, você deve ser um andróide – disse a srta. Luft. Isso o paralisou; ele olhou fixamente para ela e continuou:
- Porque seu trabalho é matar andróides, não é? Você é o que chamam de... – esforçou-se para se lembrar.
- Um caçador de recompensas - Rick disse. – Mas não sou um andróide.
- Esse teste que você quer aplicar em mim... – a voz dela, agora, começava a voltar – já se submeteu a ele?
- Já – ele assentiu. – Muito, muito tempo atrás; quando comecei a trabalhar com o departamento.
- Talvez seja uma memória falha. Os andróides não saem por aí com memórias falsas de vez em quando?¹⁷.

Maria Brand, no texto “Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in Do Androids Dream of Electric Sheep? by Philip K. Dick and I, Robot by Isaac Asimov”, explica que a empatia é um sentimento humano, mas que cientistas já começam a procurar meios de robôs também conseguirem expressar essa forma de sentir¹⁸. Ela ainda diz que os humanos tendem a simpatizar com robôs parecidos visualmente com eles e que fatores como comunicação, emoção e inteligência facilitam essa relação¹⁹. A criação de corpos robóticos que além de desempenharem uma função específica também possuem uma aparência humana faz com que outras características humanas sejam necessárias.

16 Ibidem, p. 20.

17 Ibidem, p. 82.

18 BRAND, Maria. *Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in Do Androids Dream of Electric Sheep? by Philip K. Dick and I, Robot by Isaac Asimov*, 2013, p. 3.

19 Ibidem, p. 7.

Empatia androide: corpos semelhantes, comportamentos semelhantes

Uma questão que surge nas discussões apresentadas sobre vida e humano é se a partir de tantos avanços tecnológicos ainda se estaria restrito ao biológico para definições de vida e se a associação de racionalidade deve ser somente aos humanos, pensando aqui na ideia de alto controle de suas faculdades mentais e autonomia, o que pode ser questionado dentro de algumas perspectivas filosóficas, mas que, no entanto, não serão o foco deste trabalho. Um dos motivos que mais desassossegam é que cada vez mais o humano é fonte de referência para a criação de robôs, de modo que as máquinas estão se tornando semelhantes aos humanos, inclusive na maneira como se comportam.

Mark A. Bedau (2007), no artigo “Artificial Life”, diz que “[a] vida artificial contemporânea (também conhecida como ‘ALife’) é um estudo interdisciplinar de vida e processos semelhantes à vida.”²⁰. A pergunta que parece intrigar pesquisadores deste campo é o que se pode entender como vida e quais os limites desse conceito.

Vida artificial é a denominação de uma abordagem sintética para a biologia, inspirada pelos experimentos com simulação por computador. Para os pesquisadores desta área, os procedimentos de síntese ensinaram que seu campo de estudos não precisa se restringir à tentativa de recriar os fenômenos biológicos tais quais ocorrem na natureza, mas está livre para explorar a natureza tal como poderia *ter sido*²¹.

Fátima Regis Oliveira, no artigo intitulado “Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina”, chega ao ponto central da discussão sobre vida humana e vida robótica quando explica que ainda que haja inúmeras formas de definir vida que perpassam áreas de conhecimentos distintas, um ponto é irrefutável:

[o] desenvolvimento tecnocientífico ao produzir uma *maquinização do humano* e uma *humanização da técnica* não aponta apenas para as complexas questões fronteiriças sobre onde termina o humano e começa a tecnologia. Indica uma nova relação entre humanos e técnica: a tecnologia é constituinte do humano. Esta lição nos é dada pelas recentes pesquisas das ciências cognitivas e neurociências. Na sociedade atual, nossas atividades mais corriqueiras, sejam de caráter orgânico, sensorial, cognitivo ou laborativo, estão tão imbuídas de artefatos tecnológicos que a distinção entre natural e

20 BEDAU, “Artificial Life”, 2007, p. 585, tradução nossa. Do original: “Contemporary artificial life (also known as ‘ALife’) is an interdisciplinary study of life and life-like processes”.

21 OLIVEIRA, Fátima Regis. “Os autômatos da ficção científica: reconfigurações da tecnociência e do imaginário tecnológico”. *Revista Intexto*, 2006, p. 12, grifos da autora.

artificial perde a nitidez. O uso de máquinas em atividades laborativas não é novidade. Já há algum tempo, as máquinas invadem nossos lares, locais de trabalho e hospitais para nos ajudar a respirar, andar e ver. Hoje, não se pode negar também sua participação em tarefas cognitivas²².

O conceito de vida artificial direciona seus esforços não para negar e superar o conceito de vida e de humano definido com bases de um estudo que parte do biológico e orgânico, mas para repensar as fronteiras entre o artificial e o orgânico, ou ainda, ampliar o conceito para observar outras formas de manifestações de conhecimento e criação que estão para além dos limites da *bios*. Netto e Rinaldi, no artigo “Vida Artificial: conceitos e aplicações”, discutem o conceito de vida em uma perspectiva biológica para apresentarem um conceito de vida artificial que as deixe em um mesmo parâmetro, eles dizem que

[d]o ponto de vista científico, [a vida] concentra-se na identificação dos aspectos intrinsecamente relacionados aos organismos vivos, dentre os quais nascimento, crescimento, reprodução, reação ao ambiente, assimilação de matéria e energia, excreção de dejetos, morte, entre outros²³.

Os pesquisadores direcionam seus estudos para o conceito de vida, que tem como base a genética, em que o código, ou seja, DNA, representaria um conjunto de informações que tornariam cada ser vivo único. A partir da observação exclusiva do código genético, não em uma particularização física, mas como um elemento fundamental, eles sugerem que tal código pode ser criado em espaços virtuais que tenham dispositivos adequados para criar um ambiente em que isso seja possível²⁴.

Em *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?* há muitas semelhanças entre os andróides e os humanos que confundem as personagens e os leitores fazendo com que questionamentos acerca da essência humana surjam como uma forma de compreender o outro e a si mesmo. As personagens andróides mesclam-se para serem reconhecidas como humanas e aceitas socialmente. Os corpos dos andróides não possuem nada que seja visualmente diferente dos humanos e se suas atitudes forem adequadas às dos humanos, eles somente deverão fugir dos caçadores e de possíveis pistas que os mesmos

22 Idem. “Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina”. *Revista Fluminense*, 2003, p. 187, grifos da autora.

23 NETTO, Marcio Lobo; RINALDI, Luciene Cristina Alves. “Vida Artificial: conceitos e implicações”. *Simpósio brasileiro de automação inteligente*, 2011, p. 922.

24 Ibidem, p. 922.

possam encontrar acerca da origem deles. Essa semelhança física é tão grandiosa que somente o teste aplicado nessas personagens pode confirmar suas origens.

Como os androides não são aceitos, pois não possuem a empatia necessária e correm o risco de serem eliminados, há uma necessidade de semelhança e para tanto é importante que eles ocupem espaços sociais, desempenhem funções humanas e convençam as personagens humanas de sua humanidade, pois nada além de lapsos de representação de empatia poderiam fazer com que eles fossem descobertos. “Os androides tinham [...] um desejo inato de passar despercebidos. No museu, com tantas pessoas andando ao redor, Luba Luft tenderia a não fazer nada. O confronto real – para ela, provavelmente, o último – teria lugar no carro, onde ninguém mais poderia vê-los”²⁵.

Diferentemente do que Rick espera, inicialmente, Luba não estava resignada, ela só estava mantendo o seu papel enquanto uma humana que não teria nada a dever para a polícia e qualquer outra entidade de segurança. Pode-se observar que Luba Luft desempenha muito bem sua atividade profissional. “No palco, Luba Luft continuava a cantar e Rick se surpreendeu com a qualidade de sua voz: era avaliada como uma das melhores, mesmo se comparava àquelas notáveis de sua coleção de fitas históricas. A Associação Rosen a havia construído com perfeição, tinha de reconhecer.”²⁶. Tendo um domínio do seu corpo, ou seja, um poder em relação ao uso de suas capacidades físicas e cognitivas, a personagem acaba desempenhando com excelência a sua profissão sem a necessidade de anos de preparação e estudos como normalmente ocorre com cantores líricos.

Nota-se que embora haja semelhanças entre as espécies, há uma resistência dos humanos em reconhecê-los como iguais, o que faz com que ao não serem identificados como seres racionais, inteligentes e autônomos, eles reajam de uma maneira mais assustadora e perigosa. Se os androides conseguiram perceber que estavam sendo escravizados, eles também conseguiriam perceber os riscos que correriam ao tentarem conviver com os humanos que não carregam muitos traços de empatia em relação a eles, ou mesmo, à própria espécie.

Pris, outra ginoide fugitiva, é empática com as outras personagens. A relação de amizade estabelecida na narrativa mostra que esses traços de empatia tão fortemente enfatizados, não passam de construções e exigências culturais. Não gostar de animais e/ou não ter empatia por eles é apenas um problema quando se está lidando em um espaço que não possui mais essas espécies. Talvez se a poeira não tivesse eliminado

25 DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, 2015, p. 103.

26 *Ibidem*, p. 80, grifos do autor.

todos animais, as reações de empatia apresentadas pelos androides seriam suficientes, como o modo que Pris fala de seus amigos.

- Eu tenho amigos. [...] Ou tinha. Sete deles. Isso foi no começo, mas agora os caçadores de recompensas já tiveram tempo de trabalhar. Assim, alguns deles, talvez todos, estejam mortos. – Ela perambulou até a janela, contemplou a escuridão e as escassas luzes aqui e ali. – Talvez eu seja a única dos oito que restou. [...] Se eles estiverem mortos, então realmente nada mais importa. São meus melhores amigos²⁷.

A personagem sente falta dos amigos e apresenta manifestações de solidão, como ao dizer que nada mais importa se os amigos não estiverem vivos. Além disso, a defesa da ideia de empatia como algo que diferencia os androides dos humanos é insustentável, pois os próprios humanos apresentam falhas comportamentais, pois não apresentam nenhum tipo de emoção com aqueles chamados de “cabeça de galinha”, ou seja, eles acreditam haver empatia apenas por estarem associados em um grupo restrito de humanos que carregam os mesmos padrões sociais, o mesmo acesso à “qualidade” de vida, ainda que questionável dentro da Terra na narrativa. Assim, entende-se que há certa incongruência entre aquilo que tais personagens definem como empatia e aquilo que aplicam em suas ações cotidianas, bem como em relação ao julgamento das personagens androides que acabam apresentando traços de empatia, possivelmente, mais presentes do que os próprios humanos.

Androides x Humanos: manifestações de empatia e emoções

Segundo Brand, “[c]ientistas e roboticistas começaram a perguntar se os robôs são ou serão capazes de adquirir inteligência humana, sentir e expressar emoções, como elas devem ser projetadas e se deveriam ser atribuídos certos direitos humanos”²⁸, um dos aspectos que a pesquisadora identifica é a relação de empatia e indiferença que se manifesta nas máquinas humanizadas e nos humanos respectivamente²⁹.

27 Ibidem, p. 114-115.

28 BRAND, Maria. *Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in Do Androids Dream of Electric Sheep? by Philip K. Dick and I, Robot by Isaac Asimov*, 2013, p. 1, tradução nossa. Do original: “Scientists and roboticists have started to ask whether robots are or will be capable of acquiring humanlike intelligence, to feel and express emotions, how these should be designed and if they should be assigned certain humanlike rights”.

29 Ibidem, p. 3.

[...] a empatia pode ser considerada como um processo puramente cognitivo (o que acontece no cérebro, conhecer e sentir as emoções de outra pessoa) ou, mais amplamente, também envolver um processo emocional que resulta na pessoa que dá uma resposta ou reação compassiva contra o sofrimento da outra³⁰.

Observa-se que os androides e os robôs “[...] aparentemente desencadeiam a indiferença nos personagens humanos, apesar do exterior extremamente humano.”³¹. Ainda que alguns traços de falta de empatia sejam observados, principalmente em relação à percepção de algumas emoções, como o próprio Isidore notou a respeito de Pris “[u]ma frieza. [...] Não era o que ela havia dito ou feito, mas o que ela *não* tinha dito ou feito”³², os androides e os robôs são menos nocivos nas relações interpessoais.

Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* há uma maior dificuldade de aceitação dos androides em virtude do “[...] Mercerismo, uma religião baseada unicamente no conceito de empatia. Por causa da incapacidade dos androides de sentir empatia, eles não são capazes de fazer parte do Mercerismo e, portanto, são excluídos da sociedade humana.”³³. A questão, no entanto, é que eles não apresentam condições de serem empáticos diante da caixa de empatia, o que novamente não os coloca em desacordo com a ideia de serem empáticos de situações não tão restritivas e culturais. Um exemplo acerca das relações entre humanos e androides que permitem observar a frieza humana é a partir de Rick que não tem paciência e muito menos empatia com sua esposa e é bastante determinado a fazer o necessário para realizar o seu desejo e quanto a sua relação com a androide Rachael não é diferente. Ele usa a androide para ajudá-lo a encontrar os outros androides e, além disso, tem relações sexuais com ela. Já Rachael, apesar de ser considerada inapta a apresentar emoções, se declara para Rick.

30 Ibidem, p. 3, tradução nossa. Do original: “[...] empathy can either in narrow definition be seen as a purely cognitive process (what happens in the brain, knowing and feeling another person’s emotions) or, more broadly, also involve an emotional process which results in the person giving a compassionate response or reaction towards another’s suffering”.

31 Ibidem, p. 8, tradução nossa. Do original: “[...] seemingly trigger dyspathy in the human characters despite their extremely humanlike exterior”.

32 DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, 2015, p. 58, grifos do autor.

33 BRAND, Maria. *Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in Do Androids Dream of Electric Sheep? by Philip K. Dick and I, Robot by Isaac Asimov*, 2013, p. 12, tradução nossa. Do original: “[...] the religion of Mercerism, a religion that is solely based around the concept of empathy. Because of the androids’ inability to feel empathy, they are not able to be a part of Mercerism, and are thus excluded from human society”.

- Eu te amo – disse Rachael. – Se eu entrasse em uma sala e encontrasse um sofá coberto com sua pele, eu alcançaria uma pontuação alta no teste Voigt-Kampff.

Em algum momento desta noite, ele pensou enquanto apagava a luz da cabeceira, vou aposentar um Nexus-6 que se parece exatamente com essa garota nua. Meu bom Deus, refletiu; acabei bem onde Phil Resch tinha dito. Vá para a cama com ele primeiro, ele se lembrou. Então mate-a³⁴.

Rachael é a única que demonstra afeto por Rick. Na narrativa, ainda que essas relações não sejam permitidas, elas parecem ser algo mais comum do que o imaginado. Em um diálogo com Phil Resch, identifica-se que se sentir atraído por um androide é algo que pode ser facilmente resolvido pelos caçadores e que isso não está necessariamente ligado à empatia, mas ao desejo.

- O que... eu deveria fazer? – Rick perguntou

- Sexo – respondeu Phil Resch

- Sexo?

- Porque ela, a coisa, era fisicamente atraente. Isso nunca te aconteceu antes? – Phil Resch riu. – Nos ensinaram que esse é um problema crucial para os caçadores de recompensas. Você não sabia, Deckard, que nas colônias eles têm amantes andróides?

- É ilegal – Rick disse, conhecendo a lei sobre o tema.

- Claro que é ilegal. No que se refere a sexo, a maioria das variações é ilegal. Mas as pessoas fazem mesmo assim³⁵.

Tais relações são fundamentais para compreender aspectos importantes da vida artificial e também acerca de como esses corpos são constantemente controlados. Há uma consciência entre os robôs, que poderia ser compreendida como uma característica somente humana, tendo em vista a programação das máquinas, mas que dentro do conceito de vida artificial pode ser sustentada ao passo que se compreende os corpos robóticos também como passíveis do conceito de vida: Tal discussão abre margem para se reconfigurar o conceito de vida, antes somente restrito à ideia de algo natural e orgânico, mas que observado por essa perspectiva abre mais margem para o entendimento da ideia de pós-humano a partir das alterações e adaptações em máquinas.

Em vez de servir como medida para julgar o sucesso, a inteligência humana é ela própria reconfigurada à imagem desse processo evolutivo. [...] [Vida Artificial] VA vê a consciência humana, entendida como um epifenômeno, empoleirando-se em cima das funções semelhantes às máquinas que

34 DICK, Philip K. *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*, 2015, p. 148.

35 *Ibidem*, p. 111.

distribuíam os sistemas. No paradigma da VA, a máquina se torna o modelo para entender o humano. Assim, o humano é transfigurado no pós-humano³⁶.

É possível repensar o próprio conceito de vida, proposto pelos estudos acerca da vida artificial, e ainda a manifestação de emoções e afetos que as personagens não humanas apresentam. Em um artigo intitulado “Problems and Methods in the History of Emotions” de Barbara Rosenwein, são discutidas algumas perspectivas sobre as origens das emoções, sendo uma delas interessante quando se observa o modo de manifestação de emoção e afeto de robôs.

[...] grande parte da evolução humana não tem nada a ver com genes: os sistemas de herança celular, comportamental e simbólica são epigenéticos. A evolução adaptativa por meio desses mecanismos - que estão em andamento - é muito mais rápida do que a evolução genética. Essas observações dão lastro à ideia de que as emoções podem mudar com o tempo e que a história das emoções não é apenas possível, mas essencial para a compreensão da condição humana.³⁷

Se a manifestação de emoções não é algo genético, mas que está muito mais ligado ao meio e ao modo como as pessoas se comportam em sociedade, sugere-se que o mesmo ocorreria em espécies não humanas que têm como uma das principais características evoluir, de modo que robôs superinteligentes seriam capazes de manifestar emoções assim como os humanos, pois eles são passíveis de percepções e convivência social. Rosenwein fala sobre o conceito de comunidade emocional, de modo que de acordo com o meio em que se vive, a história desse lugar, entre outros aspectos, as pessoas “[...] geralmente evitam algumas emoções enquanto enfatizam outras. Ou elas evitam certas emoções em contextos particulares”³⁸. Cabe, portanto,

36 HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*, 1999, p. 238-239, tradução nossa. Do original: “Rather than serving as the measure to judge success, human intelligence is itself reconfigured in the image of this evolutionary process. Whereas AI dreamed of creating consciousness inside a machine, AL sees human consciousness, understood as an epiphenomenon, perching on top of the machinelike functions that distributed systems carryout. In the AL paradigm, the machine becomes the model for understanding the human. Thus the human is transfigured into the posthuman”.

37 ROSENWEIN, Barbara H. “Problems and Methods in the History of Emotions”. *Passions In Context*, 2010, p. 8, tradução nossa. Do original: “[...] much of human evolution has nothing to do with genes: cellular, behavioral, and symbolic inheritance systems are epigenetic. Adaptive evolution through these mechanisms—which are ongoing—is far more rapid than genetic evolution. These observations give ballast to the idea that emotions may change over time and that a history of the emotions is not only possible, but essential to understanding the human condition”.

38 *Ibidem*, p. 17, tradução nossa. Do original: “[...] generally avoid some emotions while stressing others. Or they avoid certain emotions in particular contexts”.

pensar que os androides de Dick são personagens não humanas que estão em convívio direto com os outros habitantes e que convivem socialmente com indivíduos que também apresentam problemas para manifestarem suas emoções.

Não há nenhuma questão de emoção “real”. E com boas razões: as emoções são, entre outras coisas, sinais sociais (embora, como tenho argumentado, não sejam sinais sociais universais). Se uma emoção é a resposta padrão de um grupo particular em certos casos, a questão não deve ser se trai o sentimento real, mas sim porque uma norma é obtida em detrimento de outra³⁹.

A não aceitação das personagens humanas em relação aos androides se dá justamente porque eles contestam a veracidade das emoções manifestadas pelos androides, em especial, a empatia. São os humanos que rejeitam os androides e que usam do recurso da empatia como uma forma de diferenciar os não humanos dos humanos. Curiosamente essa constatação se torna tão falha que os próprios humanos não garantem a sua humanidade, pois as emoções podem oscilar e se manifestar de formas distintas. Um exemplo interessante é o primeiro teste aplicado com Rachael em que a personagem é identificada como androide por Rick, no entanto, após a aplicação do teste, ela conta uma história sobre sua origem e o caçador de recompensas acredita em sua mentira. Rick não confia nele mesmo e, ao ignorar a veracidade do que Rachael fala, acredita no que as emoções manifestam. “- Você teria me aposentado – disse Rachael por sobre o ombro. – Em uma batida da polícia, eu seria assassinada. Eu sabia disso desde que cheguei, quatro anos atrás; esta não é a primeira vez que o teste Voigt-Kampff é aplicado em mim.”⁴⁰.

Ao acreditar mais no que falam do que no teste propriamente, Rick deixa claro o quanto as emoções estão ligadas ao meio em que se está, do que propriamente ao que biologicamente apresenta. Embora seja mentira, a história de Rachael o comoveu, além disso, se pode questionar se a não manifestação biológica no teste de fato representa a não veracidade do mesmo, tendo em vista o quão falsamente essas emoções podem ser identificadas em um teste.

39 Ibidem, p. 21, grifos da autora, tradução nossa. Do original: “There is no question of “real” emotion there at all. And with good reason: emotions are, among other things, social signals (although, as I have been arguing, not universal social signals). If an emotion is the standard response of a particular group in certain instances, the question should not be whether it betrays real feeling but rather why one norm obtains over another”.

40 DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, 2015, p. 46.

Observa-se que os andróides possuem uma autonomia em relação aos seus desejos e que inclusive acabam cometendo irregularidades que fogem das três leis da robótica⁴¹, pois ainda que elas não sejam apresentadas na narrativa, sabe-se que são a base para a definição de robô e corpos artificiais a partir das publicações de Isaac Asimov. Tais leis garantiriam o controle das máquinas, pois segundo elas:

1. Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.
2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primeira Lei.
3. Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis⁴².

Uma das irregularidades seria a fuga das personagens para Terra, pois eles acabam descumprindo a segunda lei da robótica. Esta manifestação de independência, em relação ao criador e aos próprios humanos de uma forma mais abrangente, é assegurada pela vida artificial, de modo que não somente o biológico seria reconhecedor de emoções e portador delas, mas também aqueles que foram programados para evoluir e se relacionarem com os humanos. Esse seria um comportamento esperado para os robôs e andróides, pois “[q]uando os seres humanos constroem computadores inteligentes para executar programas de Vida Artificial, eles replicam em outro meio os mesmos processos que os criaram⁴³. Hayles traz uma discussão interessante acerca da consciência humana e da consciência robótica, colocando em jogo a ideia de consciência como uma faculdade humana.

[...] Como os humanos evoluíram? [...] eles evoluíram através do mesmo tipo de mecanismos [...] que os robôs, ou seja, sistemas distribuídos que interagem de forma robusta com o ambiente e que, conseqüentemente, “veem” o mundo de maneiras muito diferentes. Consciência é um desenvolvimento relativamente tardio, análogo ao sistema de controle que entra em ação para julgar conflitos entre os diferentes sistemas distribuídos. A consciência é um [...] “truque barato”, isto é, uma propriedade emergente que aumenta a funcionalidade do sistema, mas não faz parte da arquitetura essencial do sistema. A consciência não precisa ser e, na verdade, não é representacional. Como o sistema de controle do robô, a consciência não

41 Teoria desenvolvida por Isaac Asimov e que aparece em inúmeras obras do autor, sendo uma *delas* *O Homem Bicentenário* (1976) até hoje relevantes tanto nas discussões literárias como na área da robótica.

42 ASIMOV, Isaac. *O Homem Bicentenário*, 1997, p. 9.

43 HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*, 1999, p. 241, tradução nossa. Do original: “When humans build intelligent computers to run AI programs, they replicate in another medium the same processes that brought themselves into being”.

requer uma imagem precisa do mundo; precisa apenas de uma interface confiável. Como prova de que a consciência humana funciona assim, a [...] maioria dos adultos não sabe que passa pela vida com um grande espaço em branco no meio do campo visual⁴⁴.

Cabe lembrar que associar a consciência com algo que não está diretamente ligada aos humanos, a partir da ideia de que ela não é algo representacional, é uma forma de se posicionar em relação ao mundo. Vida biológica e vida artificial se aproxima cada vez mais e as narrativas provam que há inclusive uma disputa de espaço e de aceitação entre as personagens humanas e não-humanas em que uma acaba sendo a ameaça da outra.

[...] O Nexus-6 realmente tinha 2 trilhões de componentes, além da faculdade de escolher entre dez milhões de combinações possíveis em sua atividade cerebral. Em 45 centésimos de segundo, um androide equipado com uma estrutura cerebral dessas poderia assumir qualquer uma das quatorze reações e posturas básicas. Bom, nenhum teste de inteligência pegaria um andy desses. Mas, pensando bem, havia anos que os testes de inteligência não apanhavam um andy, não desde as primeiras toscas variedade dos anos 70⁴⁵.

O medo parece se dar justamente pela capacidade intelectual dessas espécies que superam os humanos em muitos aspectos. As semelhanças entre os robôs e andróides em relação aos humanos é, portanto, bastante compatível e de acordo com o que as narrativas apresentam, e parecem mostrar que na realidade os não-humanos são inclusive mais evoluídos e possuem mais habilidades que os humanos. Hayles (1999), sobre a semelhança entre os seres humanos e os seres artificiais, diz que:

Os seres humanos evoluíram através de uma combinação de processos de melhoria e auto-organização até chegarem ao ponto em que poderiam aproveitar conscientemente os princípios da auto-organização para criar mecanismos evolutivos. Eles usaram essa habilidade para construir máquinas

44 Ibidem, p. 237-238, grifos da autora, tradução nossa. Do original: “[...] How did humans evolve? [...] they evolved through the same kind of mechanisms that [...] in [...] robots, namely distributed systems that interact robustly with the environment and that consequently “see” the world in very different ways. Consciousness is a relatively late development, analogous to the control system that kicks in to adjudicate conflicts between the different distributed systems. Consciousness is [...] a “cheap trick,” that is, an emergent property that increases the functionality of the system but is not part of the system’s essential architecture. Consciousness does not need to be, and in fact is not, representational. Like the robot’s control system, consciousness does not require an accurate picture of the world; it needs only a reliable interface. As evidence that human consciousness works this way, [...] most adults are unaware that they go through life with a large blank spot in the middle of their visual field”.

45 DICK, Philip K. *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*, 2015, p. 29.

capazes de autoevolução. Diferentemente dos humanos, no entanto, as máquinas não são prejudicadas pelas restrições de tempo impostas pela evolução biológica e maturação física. Elas podem percorrer centenas de gerações em um dia, milhões em um ano. Até muito recentemente, os seres humanos não tinham a capacidade de armazenar, transmitir e manipular informações. Agora eles compartilham essa habilidade com máquinas inteligentes. Para prever o futuro desse caminho evolutivo, temos apenas que perguntar qual desses organismos, competindo de muitas maneiras pelo mesmo nicho evolucionário, tem a capacidade de processamento de informações para evoluir mais rapidamente⁴⁶.

O que a discussão sobre a vida artificial está trazendo deixa claro que cada vez menos será possível se afastar dos avanços tecnológicos e que máquinas, seja pela pura informação/consciência que carregam seja pelas habilidades físicas que desenvolveram e desenvolverão ao longo do tempo, já são parte constituinte e essencial dos indivíduos. Se na realidade a convivência ainda parece ser positiva, cabe questionar o que os ambientes caóticos e destruídos pela guerra da obra de Dick apresentam. Em um espaço em que humanos e andróides/robôs são as espécies questionadoras do próprio tempo, divergências surgem para mostrar que processos evolutivos diferentes trazem também diferentes percepções, que inclusive já foram apontadas também pelo precursor Asimov:

- [...] A matéria de que são feitos é macia e flácida, sem resistência nem força, e depende de uma oxidação ineficiente de matéria orgânica para obter energia [...] De tempos em tempos, vocês entram em coma e a menor variação de temperatura, pressão do ar, umidade ou intensidade radiativa prejudica a sua eficiência. Vocês são *provisórios*. Eu, por outro lado, sou um produto acabado. Absorvo energia elétrica de forma direta e a utilizo com uma eficiência de quase 100%. Sou composto de um metal resistente, meu estado de consciência é ininterrupto e posso suportar as condições extremas do ambiente com facilidade⁴⁷.

46 HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*, 1999, p. 243, tradução nossa. Do original: “Humans evolved through a combination of chance and self-organizing processes until they reached the point where they could take conscious advantage of the principles of self-organization to create evolutionary mechanisms. They used this ability to build machines capable of self-evolution. Unlike humans, however, the machine programs are not hampered by the time restrictions imposed by biological evolution and physical maturation. They can run through hundreds of generations in a day, millions in a year. Until very recently, humans have been without peer in their ability to store, transmit, and manipulate information. Now they share that ability with intelligent machines. To foresee the future of this evolutionary path, we have only to ask which of these organisms, competing in many ways for the same evolutionary niche, has the information-processing capability to evolve more quickly”.

47 ASIMOV, Isaac. *Eu, Robô*, 2014, p. 85, grifos do autor.

Nota-se que vida biológica e vida artificial caminham juntas na narrativa e que poderiam positivamente apresentar outras perspectivas que cada vez mais aproximam os humanos dos robôs, de modo que ao violar as três leis da robótica, os robôs podem não estar realizando um mal à humanidade, mas sim defendendo-a de riscos maiores ainda não previstos. Ainda que esta discussão não se esgote neste trabalho, entende-se que as três leis da robótica podem se tornar obsoletas quando o conceito de vida artificial surge, pois ele já não estará mais tratando de corpos programados e que dependem do auxílio humano, mas sim de corpos independentes e possíveis de construções sociais e afetivas, bem como políticas, assim como os humanos. Não estamos tratando diretamente das mudanças dos humanos, mas sim da possibilidade de uma maior de autonomia para os corpos artificiais.

Conclusão

Ao que tudo indica, tanto pelas narrativas quanto pelos estudos acerca da vida artificial, robôs e humanos estão cada vez mais semelhantes. As espécies não-humanas apresentadas nas narrativas trazem aspectos e características até então tidas como apenas humanas, mas que se mostraram possível em espécies que podem evoluir assim como a espécie *Homo sapiens*. As semelhanças físicas são um passo para aproximação das espécies, é possível pensar que não seriam essenciais, no entanto, se mostram fundamentais para que o reconhecimento de vida seja mais fortemente evidenciado, do que um mero sistema operacional superinteligente que não se manifesta corporalmente. “Os sentimentos são como o corpo comunica à mente informações sobre sua estrutura e estados continuamente variáveis”⁴⁸.

Além disso, se para os próprios humanos o corpo se tornou fundamental para manifestações de afeto, emoção e fonte de representação identitária, de modo que “mente humana sem corpo humano não é a mente humana. Mais do que isso, não existe.”⁴⁹. A criação humana que apresenta traços da pós-humanidade, não poderia não conter fontes representativas para a espécie. O corpo robótico é tão fundamental para a vida artificial quanto o corpo humano para a vida biológica. Sobre a independência das espécies, o que se pode notar a partir da vida artificial é que criar uma espécie

48 HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*, 1999, p. 245, tradução nossa. Do original: “Feelings are how the body communicates to the mind information about its structure and continuously varying states”.

49 *Ibidem*, p. 246, tradução nossa. Do original: “Human mind without human body is not human mind. More to the point, it doesn’t exist”.

superinteligente é deixá-la livre para uma tomada de decisões que podem ser positivas ou negativas, o que remete a própria criação divina dos humanos, que agora colocam os seus robôs a imagem e semelhança dos criadores.

As relações estabelecidas na narrativa de Dick evidenciam o quanto uma defesa de empatia presente somente nos humanos é falha, tanto pela própria incapacidade das personagens de serem empáticas com outras personagens humanas, como também pela exclusão de outra forma de manifestação que não corresponda ao modo como a sociedade distópica da narrativa definiu. Ao aproximar os corpos robóticos aos corpos humanos, observando-os como semelhantes até na definição de vida que ultrapassa a barreira biológica, abre-se espaço para a identificação desses robôs como manifestações da pós-humanidade, pois carregam a imortalidade e o controle dos corpos.

Referências Bibliográficas

ASIMOV, Isaac. *Eu, Robô*. Trad. Aline Storto Pereira. São Paulo: Editora Aleph, 2014.

ASIMOV, Isaac. *O Homem Bicentenário*. Tradução: Milton Persson Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997.

BEDAU, Mark A. Artificial Life. In: MATTHEN, Mohan; STEPHENS, Christopher (Ed.). *Handbook of The Philosophy of Biology*. North-Holland: Elsevier, 2007. p. 586 - 603.

BLADE RUNNER – o Caçador de Androides. Direção Ridley Scott. Estados Unidos: Warner Home Video, 2007. DVD Triplo Edição Especial.

BRAND, Maria. *Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in Do Androids Dream of Electric Sheep? by Philip K. Dick and I, Robot by Isaac Asimov*. England: Lund University, 2013.

CLAYES, Gregory. *The Cambridge Companion to Utopian Literature*, Cambridge Collections Online, Cambridge University Press, 2010.

DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*. Trad. Ronaldo Bressane. São Paulo: Aleph, 2015.

HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics*,

literature, and informatics. Chicago: University of Chicago, 1999. p. 222-246.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. 2, 2013. p. 201-215.

KRÜGER, Luana de Carvalho. *O limiar entre o corpo humano e o corpo robótico: transumanismo e pós-humanismo nas obras Deuses de Pedra, de Jeanette Winterson e Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de Philip K. Dick. 2019, 149f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

MARKS DE MARQUES, Eduardo; PEREIRA, Anderson Martins. A justaposição do pós-humano e do transumano no gênero distopia: Uma análise das trilógicas Divergente e A 5ª Onda. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 70, 2017. p. 119-127.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, 2006. p. 167-181.

MIRANDA, Allana Dilene de Araujo; MOUSINHO, Luiz Antonio. Blade runners sonham com o espaço? – uma análise intermediária do espaço. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, v. 29, 2015. p.40-51.

MORE, Max. The Philosophy of Transhumanism. In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (Ed.). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013, p. 03 – 17.

NETTO, Marcio Lobo; RINALDI, Luciene Cristina Alves. Vida Artificial: conceitos e implicações. In: *SIMPÓSIO BRASILEIRO DE AUTOMAÇÃO INTELIGENTE*, 5., Minas Gerais. Anais... Minas Gerais: CEFET, 2011. p. 921 – 942.

OLIVEIRA, Fatima Regis. Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina. *Revista Fluminense*, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, vol. 9, 2003. p. 177 – 198.

OLIVEIRA, Fátima Regis. Os autômatos da ficção científica: reconfigurações da

tecnociência e do imaginário tecnológico. *Revista Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, 2006. p. 1 - 15.

ORWELL, George. *1984*. Trad. Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROSENWEIN, Barbara H. Problems and Methods in the History of Emotions. *Passions In Context*. International Journal for the History and Theory of Emotions, 2010. p. 1-32. Disponível em: <http://www.passionsincontext.de/index.php?id=557>. Acesso em: 06 jun. 2018.

RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e Pós-humanismo: Exercícios de arqueologia e criticismo*. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

Submissão: 20/05/2020

Aceite: 10/07/2020

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2019.e73327>

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.